

“NÃO É HORA DE PROCURAR CULPADOS”: O CAPITALISMO DE DESASTRE ENTRE A ESTRUTURA E O ACONTECIMENTO

“THIS IS NOT THE TIME TO LOOK FOR CULPRITS”: DISASTER CAPITALISM BETWEEN STRUCTURE AND EVENT

LUCAS ALVES SELHORST

<https://orcid.org/0000-0001-6667-3281>

Doutorando em Ciências da Linguagem pelo PPGCL/UNISUL

Doutorando-sanduiche na University College London (UCL) pelo PDSE/CAPES

lucasselh@hotmail.com

RESUMO

Este artigo analisa o enunciado “não é hora de procurar culpados”, proferido pelo governador do Rio Grande do Sul durante as enchentes que atingiram o estado em 2024. A partir da perspectiva da Análise do Discurso, buscamos compreender como esse enunciado opera nessa situação de crise. Observamos que a expressão, embora funcione como tentativa de suspender a responsabilização imediata, expõe, pela via da negação, a existência de culpados, deslocando a responsabilidade e diluindo-a. Fazemos essa análise considerando a circulação desse enunciado nos domínios da política e também do futebol, e sua circulação em um meme, o que mostra como as diferentes condições de produção resultam em diferentes efeitos de sentidos. A partir de noções como de acontecimento, silenciamento e formação discursiva, conseguimos discutir como esse gesto discursivo, ao mesmo tempo em que busca proteger o enunciador, reforça mecanismos de naturalização da tragédia e contribui para a reprodução de um modelo político e econômico sustentado pelo capitalismo de desastre.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso; Discurso político; Enchentes no Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

This article analyzes the statement “it is not the time to look for culprits,” made by the governor of Rio Grande do Sul during the floods that hit the state in 2024. From the perspective of Discourse Analysis, we seek to understand how this statement operates within this crisis situation. We observe that the expression, while functioning as an attempt to suspend immediate accountability, reveals, through negation, the existence of culprits, shifting responsibility and diluting it. We conduct this analysis by considering the circulation of this statement in the domains of politics and also football, as well as its circulation in a meme, which shows how different conditions of production result in different effects of meaning. Drawing on notions such as event, silencing, and discursive formation, we discuss how this discursive gesture, while seeking to protect the enunciator, reinforces mechanisms of naturalization of the tragedy and contributes to the reproduction of a political and economic model sustained by disaster capitalism.

KEYWORDS: Discourse Analysis; Political discourse; Floods in Rio Grande do Sul.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Naomi Klein (2008) conta que durante as inundações que devastaram Nova Orleans após o furacão Katrina, um congressista da cidade declarou que Deus havia feito uma limpeza na cidade. Enquanto isso, um dos empresários mais ricos de Nova Orleans teria declarado que a tragédia havia limpado o terreno e trazido grandes oportunidades. No abrigo, as pessoas atingidas, ouvidas por Klein, discordavam: “Eu realmente não vejo isso como uma limpeza da cidade. O que eu vejo é que muita gente acabou morrendo na parte alta da cidade. Gente que não deveria ter morrido” disse um rapaz; um senhor bradou: “O que há de errado com essa gente de Baton Rouge? Isso não é uma oportunidade. Isso é uma tragédia desgraçada. Eles são cegos?” E uma mãe com duas crianças respondeu: “Não, eles não são cegos, eles são maus. Eles enxergam muito bem” (Klein, 2008, n. p.).

Klein (2008) relata que Milton Friedman, guru do capitalismo sem freios, escreveu um editorial no *Wall Street Journal* dizendo que aquele acontecimento era uma tragédia, mas também era uma oportunidade, pois a maior parte das escolas havia sido destruída, assim como as casas das crianças que estudavam nelas. Friedman defendia que em vez de se gastar dinheiro reconstruindo as escolas, o governo deveria dar *vouchers* para que as famílias levassem seus filhos para instituições privadas e que essa mudança não deveria ser apenas uma reforma emergencial, mas uma solução permanente. Assim, iniciou-se um forte processo de privatização da educação na cidade. As escolas públicas passaram, em grande quantidade, a ser dirigidas por instituições privadas, ou seja, passaram a ser consideradas, conforme a nomenclatura utilizada, como “escolas licenciadas”.

Deste modo, Klein (2008) explica como as escolas eram leiloadas, os sindicatos desmobilizados, os professores postos na rua ou readmitidos com redução salarial pelas escolas licenciadas:

Nova Orleans se tornara, de acordo com o *New York Times*, “o laboratório mais importante do país para ampliar o uso das escolas licenciadas”, enquanto o *American Enterprise Institute*, uma entidade afiliada ao pensamento de Friedman, manifestava seu entusiasmo porque “o Katrina havia realizado em um dia... aquilo que os reformadores educacionais da Louisiana vinham tentando fazer durante anos, sem sucesso”; Os professores da rede pública, por sua vez, observando que o dinheiro destinado às vítimas da enchente estava sendo desviado para erradicar o sistema público e substituí-lo pela privatização, chamavam o plano de Friedman de “apropriação do terreno educacional” (Klein, 2008, n. p.).

Klein (2008) termina esse relato dizendo que são esses ataques à esfera pública em momentos catastróficos, momentos esses tratados como oportunidades, que ela chama de “capitalismo de desastre”. Trazemos esse relato de Klein, pois nosso objetivo aqui é fazer uma análise discursiva do enunciado “não é hora de procurar culpados” proferido também em um momento catastrófico, pelo governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (filhado ao Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB), durante o período de enchentes no estado, entre abril e maio de 2024. Sobretudo pelo fato de se tratar de um enunciado que fala de culpa, o relato de Klein (2008) nos alerta para o fato de que o capitalismo se alimenta de tragédias, por isso, é compreensível que não haja grandes preocupações no que se refere à prevenção. Trata-se do que a autora chama de doutrina do choque, que vê na crise, uma oportunidade. Portanto, embora seja importante localizar a culpa de forma mais direta e pessoal, também é importante compreendermos esse funcionamento como parte de um sistema mais amplo.

Além disso, pretendemos mostrar nessa análise como o enunciado “não é hora de procurar culpados” materializa o apagamento da história mobilizado pelo capital para se estruturar. Isso certamente se dá pela memória, ou mais especificamente pela memória discursiva, que, na análise do discurso, é pensada, como explica Pêcheux (1999 [1983], p. 53), como “aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem reestabelecer os ‘implícitos’ [...] de que sua leitura necessita”.

Pêcheux destaca ainda que há sempre um jogo de forças na memória sob o choque do acontecimento: um que visa manter uma regularização e outro contrário que força uma desregulação. Ou seja, a memória não pode ser considerada uma esfera plena, mas “um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, polêmicas e contra-discursos” (Pêcheux [1983], p. 56). Portanto, é nesse jogo de forças da memória que funciona a chamada doutrina do choque e também é nele que se inscreve o enunciado que analisamos neste trabalho.

CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Essa pesquisa tem como base a análise do discurso materialista. Para este campo, como explica Mittman (2005), o corpus nunca está dado, mas ele é construído pelo gesto do analista de ler, relacionar, recortar e, novamente, relacionar. Portanto, inicialmente, é importante entendermos que a constituição do corpus dessa análise se deu a partir da relação com a teoria e o enunciado “não é hora de procurar culpados”, identificado em três domínios: a fala do

governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, durante coletiva de imprensa em maio de 2024, no contexto das enchentes no estado; o domínio esportivo, com ênfase em enunciados recorrentes em matérias jornalísticas que relatam dizeres de personagens do futebol, nos quais a mesma formulação aparece em situações de derrota ou crise; e o espaço digital das redes sociais, particularmente a circulação de um meme sobre a fala do governador, que retoma e reconfigura ironicamente o enunciado analisado.

O recorte da pesquisa está relacionado sobretudo à leitura do texto “Discurso: estrutura ou acontecimento” de Pêcheux (2012 [1988]). A seleção do enunciado se deu pela percepção de que ele materializa um discurso de interdição da culpa e que a partir da análise poderíamos entender como esse tipo de dizer funciona em momentos de instabilidade. Posteriormente, buscamos identificar a dispersão por diferentes esferas, como forma de identificar os diferentes efeitos de sentido considerando distintas condições de produção. Com isso, considerando a percepção da regularidade desse tipo de enunciado na esfera do futebol, retornamos a Pêcheux para pensar a relação entre o campo político e o esportivo. Optamos ainda por incorporar à análise um meme de grande circulação do Instagram, o que nos demanda também a leitura de pesquisas sobre o discurso no digital, como de Gallo e Silveira (2017).

Tendo o texto de Pêcheux (2012) como uma base importante, decidimos também mobilizar a noção de acontecimento, problematizando sua natureza. Deste modo, é importante entendermos que na análise do discurso a noção de acontecimento pode ser subdividida em duas noções diferentes: acontecimento discursivo e acontecimento enunciativo. Indursky (2008) explica a diferença entre eles, da seguinte forma: no primeiro, há uma ruptura em relação à forma sujeito e seus saberes, o que acarreta no surgimento de uma nova forma sujeito e também de uma nova formação discursiva; no segundo, se trata apenas a instauração de uma nova posição-sujeito no interior de uma mesma formação discursiva. Ou seja, o acontecimento discursivo não se refere apenas a uma fragmentação, mas a uma ruptura com a forma-sujeito e com a formação discursiva, portanto, podemos dizer que ele é da ordem da raridade. Assim, nossa hipótese inicial é que a circulação do enunciado ‘não é hora de procurar culpados’ configura um acontecimento enunciativo, pois ele não parece romper com a formação discursiva que sustenta os saberes mobilizados sobre a crise.

Assim, também precisamos desde já entender o que é formação discursiva. Para Pêcheux (1995 [1975]), é

Aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.). Isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições, etc., recebem seu sentido da formação discursiva da qual são produzidas [...] diremos que os indivíduos são “interpelados” em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas correspondentes (Pêcheux, 1995 [1975], p. 160-161).

Além dessas noções da análise do discurso, é importante compreendermos como o capitalismo de desastre explicado por Klein (2008) utiliza estados de choque e crises (como as enchentes no Rio Grande do Sul) para suspender o debate democrático e a busca por causalidades históricas. A autora apresenta diversos exemplos em seu livro, para além do que trazemos na introdução, e como ela explica, de modo geral, eles apresentam um compromisso com a trindade: “eliminação da esfera pública, total liberdade para as corporações e gasto social mínimo” (Klein, 2008, p. 24). Ou seja, é para isso que a doutrina do choque funciona, para reconfigurar a política e a economia em favor da classe dominante, aproveitando momentos de choque coletivo que produzem uma certa desorientação, isto é, que enfraquecem a capacidade de mobilização social.

ANÁLISE DO DESASTRE BRASILEIRO

Tomados pela leitura de “Discurso: estrutura ou acontecimento” (Pêcheux, 2012 [1988]) ao mesmo tempo em que acompanhamos a catástrofe ambiental no Rio Grande do Sul, nos deparamos com a fala proferida pelo governador do estado, Eduardo Leite, no dia 5 de maio de 2024, em coletiva ao lado do presidente Lula:

Recorte 1: Fala do governador¹

Eu preciso fazer um pedido também aqui, já que estou vendo muitos parlamentares de partidos diferentes: Não é hora de procurar culpados. Não é hora de transferir responsabilidades. A gente vai ter que trabalhar à altura do que o momento histórico nos exige, [esse] é daqueles momentos que vão estar registrados na história, nos livros de história no futuro. A gente tem que estar à altura do que a história nos exige no presente. Isso é fundamental. Eu percebo esse sentimento em todos, quero deixar claro aqui, não estou fazendo cobrança, porque [n]a divisão política que a gente vive parece que qualquer coisa que a gente fale “oh precisamos disso, precisamos daquilo”, parece que estamos jogando a culpa para alguém que já sai na defensiva, que já sai apontando, que já sai... não! Aqui é o momento de a gente estar à altura do que a população está nos demandando. Peço isso encarecidamente.

¹ Transcrição nossa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UV7oeriZUbg>. Acesso em: 17 maio 2024.

Alguns dias antes, no dia 2, o governador havia comentado o envolvimento do presidente, que havia sobrevoado as áreas atingidas. Disse ele “não é momento apenas de sobrevoos, mas de articulação” (CNN Brasil, 2024, online)². Uma matéria do Brasil 247³ explica melhor o contexto da semana em que o governador fez a fala que recortamos acima:

Há setenta e cinco mortes confirmadas no estado (e contando) com mais de cem pessoas desaparecidas e centenas de milhares atingidas. Diante da situação, desde quarta-feira (1) o governador do Estado assumiu um tom de cobrança junto ao Governo Federal. O finado PSDB, partido do governador Eduardo Leite, soltou uma nota criticando o suposto atraso do Governo Federal em enviar ajuda ao Estado. Como disse o transformado Reinaldo Azevedo, trata-se de uma nota “sem vergonha”, pois a menos que Leite esperasse que Lula decretasse uma Intervenção Federal no estado, qualquer ajuda só poderia ser recebida diante do pedido do governador. Neste domingo (5) em coletiva de imprensa, um dos culpados pela tragédia, o governador Leite, afirmou: “não é hora de procurar culpados” (Brasil 247, 2024, online).

Da fala do governador, recortamos o enunciado “não é hora de procurar culpados”, não apenas porque ele sintetiza de algum modo o discurso do governador, mas também porque foi ele que ganhou repercussão e destaque, passando a circular tanto no âmbito jornalístico, quanto no âmbito ordinário das redes. Fazemos esse recorte motivados, sobretudo, pela circulação de uma imagem, que passou a ser compartilhada nas redes após a fala do governador e que indicava uma forte viralização. Diz a imagem, que pode ser conferida na figura 1: “Não é hora de procurar culpados”. Assinado: os culpados.

Figura 1: Post no Instagram⁴

²Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/nao-e-momento- apenas-de-sobrevoos-mas-de-articulacao-diz-leite-sobre-ida-de-lula-ao-estado/>. Acesso em: 06 out. 2024.

³ Disponível: <https://www.brasil247.com/blog/nao-e-hora-de-procurar-culpados-diz-o-culpado-pela-tragedia-no-rs>. Acesso em: 06 out. 2024.

⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/designativista/p/C6wGC7hraOX/>. Acesso em: 17 maio 2024.



A viralização dessa imagem chama a nossa atenção para a possibilidade de estarmos diante de um acontecimento discursivo ou de um acontecimento enunciativo. Considerando essa possibilidade, com o objetivo de compreender os deslocamentos de sentidos desse enunciado em um espaço temporal maior, buscamos por ele no Google. Nas figuras 2 e 3, podemos ter uma dimensão dessa repercussão observando que o enunciado é retomado por diferentes mídias e canais.

Figura 2: Não é hora de procurar culpados no Google⁵

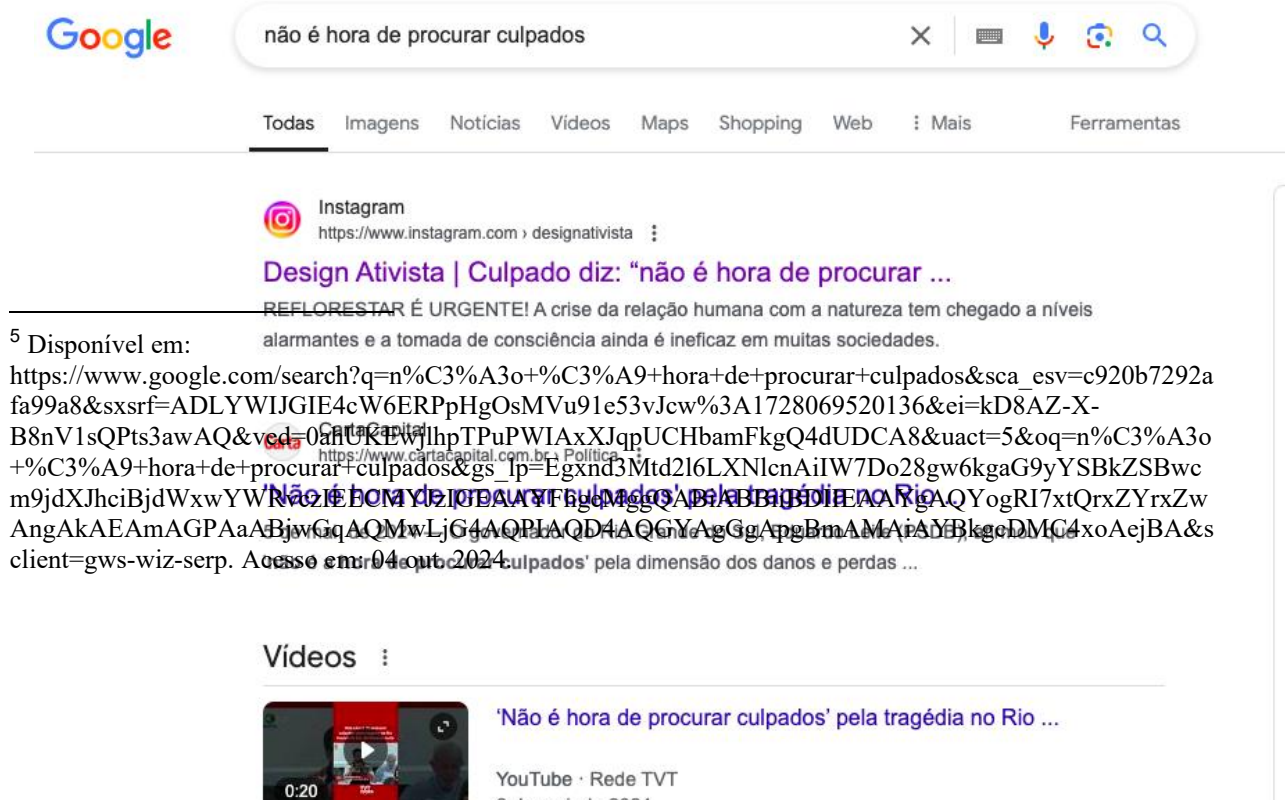
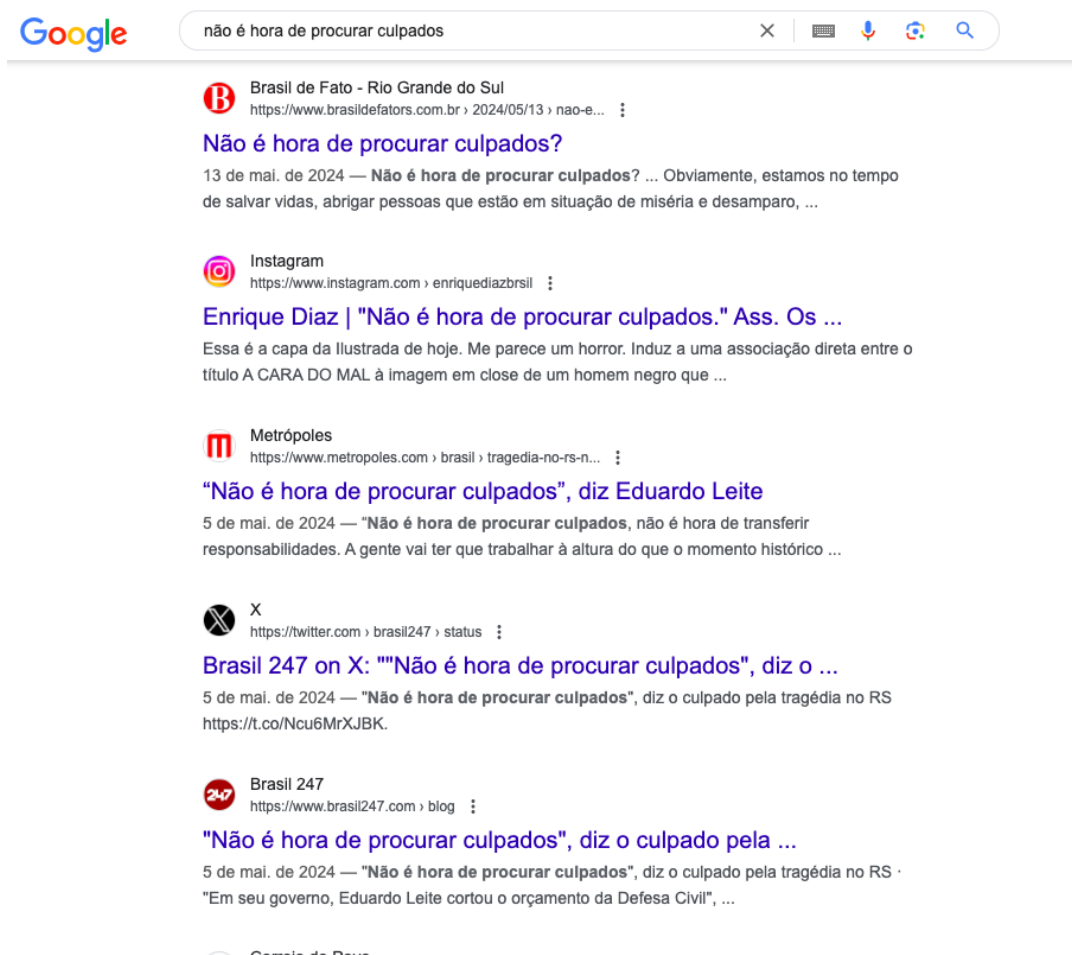


Figura 3: Não é hora de procurar culpados no Google⁶

⁶ Disponível em:

https://www.google.com/search?q=n%C3%A3o+%C3%A9+hora+de+procurar+culpados&sca_esv=c920b7292afa99a8&sxsrf=ADLYWIJGIE4cW6ERPpHgOsMVu91e53vJcw%3A1728069520136&ei=kD8AZ-X-B8nV1sQPts3awAQ&ved=0ahUKewjIhpTPuPWIAxXJqpUCHbamFkgQ4dUDCA8&uact=5&oq=n%C3%A3o+%C3%A9+hora+de+procurar+culpados&gs_lp=Egxnd3Mtd2l6LXNlcnAiIW7Do28gw6kgaG9yYSBkZSBwc m9jdXJhcnBjdWxwYWRvczIEECMYJzIGEAAyFhgeMggQABiABBiiBDIIEAAyAQYogRI7xtQrxZYrxZwAngAkAEAmAGPAaABjwGqAQMwLjG4AQPIAQD4AQGYAgGgApgBmAMAIAYBkgeDMC4xoAejBA&sclient=gws-wiz-serp. Acesso em: 04 out. 2024.



É possível afirmar que o enunciado “não é hora de procurar culpados” está relacionado a Eduardo Leite na maioria dos resultados. Deste modo, tentamos localizá-lo dito em outros momentos. Expandindo os resultados para antes do dia em que ele foi proferido pelo governador, observamos que ele aparece em outro conjunto de enunciados. Indo até as páginas mais antigas do Google, percebemos que essa frase já é usada por políticos diante de problemas, inclusive ambientais, portanto, a fala do governador não se trata de uma novidade ou de uma ruptura. Um exemplo pode ser visto na figura 4, que se refere a um terremoto no Chile:

Figura 4: Notícia sobre terremoto e uso do enunciado⁷

⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/jornaldaglobo/0,,MUL1514782-16021,00-TERRA+TREME+MAIS+DUAS+VEZES+E+LEVA+PANICO+AO+CHILE.html>. Acesso em 17 maio 2024.



03/03/10 - 23h59 - Atualizado em 04/03/10 - 00h48

Terra treme mais duas vezes e leva pânico ao Chile

Novos tremores de terra assustaram nesta quarta-feira (03) o Chile, traumatizado pelo terremoto de sábado (27) que já matou 802 pessoas.

Carlos De Lannoy
Punta Arenas, Chile

Tamanho da letra: [A-](#) [A+](#)

Desespero na cidade mais atingida pelo terremoto. Dois novos tremores um de 5,9 e outro de seis graus sacudiram Concepción nesta quarta-feira (03). A réplica mais forte desde a tragédia do último sábado (27) levou pânico a população.

Rapidamente houve alerta de tsunami, logo descartado pelo Escritório Nacional de Emergência, mas não foi assim no sábado. A Marinha assumiu que demorou para advertir sobre a formação de ondas gigantes na costa chilena.

"Não fomos precisos na comunicação com a presidente para manter ou cancelar o alerta de tsunami", disse um almirante chileno a um canal de TV. O alerta no momento certo poderia ter evitado centenas de mortes como as de Constitución, onde morreu quase metade de todas as vítimas do terremoto.

saiba mais

Terremoto de 6,4° atinge Taiwan

Os trabalhos de resgate avançam nas áreas mais isoladas. Mais corpos são encontrados com a retirada dos escombros e mais pessoas ficam desabrigadas com a interdição das casas. De helicóptero, os militares chegam com comida e medicamentos. Voluntários ajudam na distribuição.

O número de mortos deve aumentar nos próximos dias, já que centenas de pessoas estão desaparecidas. Diante das críticas pela demora no alerta do tsunami e do envio de ajuda, o governo disse que [não é hora de procurar culpados](#) e garantiu que não vão faltar alimentos, medicamentos e combustíveis a população.

/ primeira página

Liminar da Justiça Federal suspende leilão de Belo Monte

Se irá fazer armas nucleares, terá que arcar, diz Lula

Racing x Corinthians

Chuva mata dois e deixa 18 cidades em emergência na Bahia

Mortos no ano por terremotos somam mais de 223 mil

[» primeira página](#)

/ plantão

SEX, 7/1/2011

13h33 | amazonia
Índios suñi apostam no mercado de carbono para conservar sua terra em RO

TER, 4/1/2011

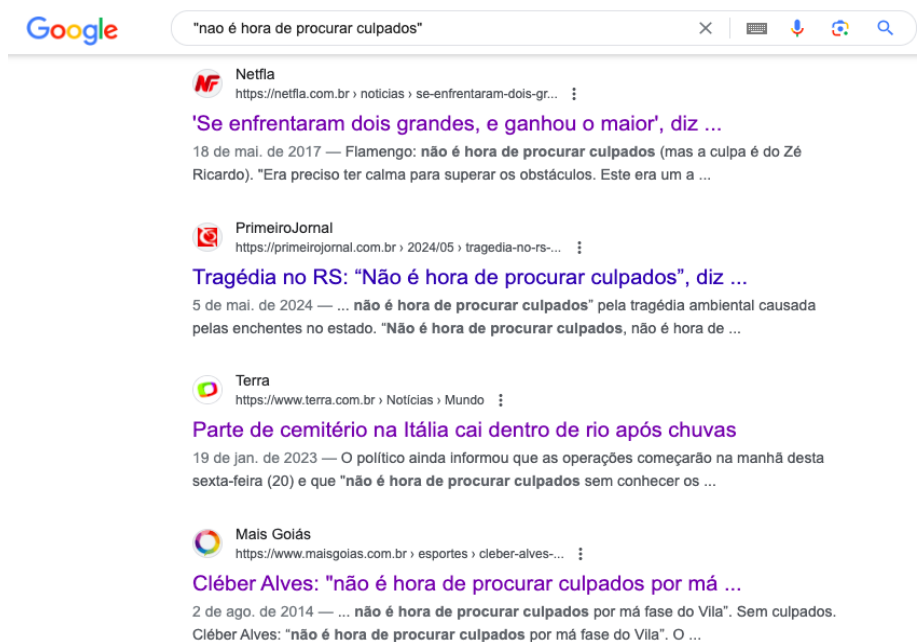
20h08 | amazonia
Filhote de peixe-boi sem a mãe é resgatado no Amazonas

12h48 | amazonia
Expedição faz levantamento inédito do Parque da Serra do Pardo, no Pará

[» todas as notícias](#)

No entanto, percebemos que, na medida em que os resultados mais antigos vão aparecendo, eles não são apenas de ordem política/ambiental, mas vão se misturando a notícias de ordem esportiva, todas elas do futebol, o que nos remete à análise do enunciado “on a gagné” (ganhamos) feita por Pêcheux. Isso pode ser observado na figura 5:

Figura 5: Busca no Google por “não é hora de procurar culpados”⁸



Para otimizar a observação das regularidades, elaboramos um quadro com recortes das notícias, o qual pode ser observado a seguir:

Quadro 1: Uso do enunciado no Futebol

Após eliminação, Elano afirma que é hora de reconstruir e seguir Ferroviária perdeu nos pênaltis para o time do Atlético Cearense Após deixar escapar o acesso para a Série C do Campeonato Brasileiro, o técnico grená, Elano Brumer, afirma que não é hora de procurar culpados, mas de se reconstruir [...] (ACidade ON – Araraquara, 2021, online, grifo nosso)⁹.
Tadeu manda recado para o São Paulo: o Figueirense ainda está vivo Apontado pela torcida como um dos maiores responsáveis pelo baixo aproveitamento do ataque e, por consequência, pela falta de vitórias da equipe, Tadeu se esquivava e afirma que não é hora de procurar culpados [...] (ESPN, 2008, online, grifo nosso)¹⁰.
Após derrota do Sport, Claudinei diz que não é hora de “procurar culpados”

⁸ Disponível em:

https://www.google.com/search?q=%22n%C3%A3o+%C3%A9+hora+de+procurar+culpados%22&oq=%22n%C3%A3o+%C3%A9+hora+de+procurar+culpados%22&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOTIHCAEQIRigATIHCAIQIRigAdIBCDg0NzhqMGo3qAIAIA&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acesso em: 17 maio 2024. Observação: por se tratar de uma busca no google, os resultados podem variar.

⁹ Disponível em: <https://www.acidadeon.com/araraquara/esportes/apos-eliminacao-elano-afirma-que-e-hora-de-reconstruir-e-seguir/>. Acesso em: 17 jul. 2024.

¹⁰ Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/15842_tadeu-manda-recado-para-o-sao-paulo-o-figueirense-ainda-esta-vivo. Acesso: 17 jul. 2024.

Treinador garantiu que “trabalho está sendo bem feito” Depois de um tropeço que praticamente zerou as chances de acesso para o Sport, Claudinei Oliveira falou sobre os próximos passos do Leão na Série B. Defendendo o seu trabalho no elenco, ele garantiu foco no campeonato e disse não ser hora de “procurar culpados” [...] (NE45, 2022, online, grifo nosso)¹¹.
Cássio lamenta nova derrota do timão e diz que não é hora de procurar culpados O goleiro Cássio lamentou mais um revés do Corinthians no Campeonato Brasileiro. A derrota por 1 a 0 para o Fluminense, na quarta, no Maracanã, caiu como uma ducha de água fria nas pretensões do time [...] (RD News, 2018, online, grifo nosso)¹².
‘Não se deve procurar culpados’, diz Alexandre Mirinda sobre Situação caótica do Santa Cruz Vice-presidente de futebol preferiu não nomear os responsáveis pelo momento do Tricolor, mas não deslegitimou as críticas dos torcedores (Esportes DP, 2021, online, grifo nosso)¹³.
Jardel: «Está difícil de explicar...» Central diz que o grupo tem de lidar com as responsabilidades. Jardel, jogador do Benfica, em declarações à Sport TV após a goleada sofrida em Basileia (5-0). [...] «Não é hora de procurar culpados. Temos de nos unir» (CNN Portugal, 2022, online, grifo nosso)¹⁴.
Sem buscar culpados Jair comenta apagão na derrota para o São Paulo e quer corrigir erros internamente Em um trabalho coletivo, no qual todo mundo ganha e todo mundo perde, na derrota não é hora de gerar crise ou buscar culpados individuais [...] (Botafogo, 2017, online, grifos nossos)¹⁵.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Frente ao que a leitura de Pêcheux nos oferece, nos soprando pistas de como olhar para os acontecimentos do presente, não vamos aqui tentar localizar quando exatamente passamos, para além do futebol, a “não procurar culpados” diante da tragédia.

A novidade, nesse caso, parece estar mais relacionada ao deslizamento marcado pelo post viralizado em que se registra a assinatura dos culpados como enunciadores. Podemos, portanto, à luz de Pêcheux, também questionar a opacidade desse enunciado na relação com os dois domínios, do futebol e da política.

¹¹ Disponível em: <https://ne45.com.br/2022/10/24/sport-claudinei-oliveira-procurar-culpados/>. Acesso em: 17 jul. 2024.

¹² Disponível em: <https://www.rdnews.com.br/esportes/conteudos/104190>. Acesso em: 17 jul. 2024.

¹³ Disponível em: https://www.esportesdp.com.br/noticias/futebol/santacruz/2021/09/nao-se-deve-procurar-culpados-diz-alexandre-mirinda-sobre-situacao.html#google_vignette. Acesso em: 17 jul. 2024.

¹⁴ Disponível em: <https://cnnportugal.iol.pt/liga-campeoes/benfica/jardel-esta-dificil-de-explicar>. Acesso em: 17 jul. 2024.

¹⁵ Disponível em: <https://www.botafogo.com.br/noticias/sem-buscar-culpados>. Acesso em: 17 jul. 2024.

No futebol, nem sempre fica evidente quem são os culpados. Um diálogo entre o técnico Vicente Feola e o jogador Mané Garrincha antes do jogo entre Brasil e União Soviética da copa de 58 materializa isso: Feola teria dito: – Garrincha, é o seguinte: você pega a bola e dribla o primeiro beque. Quando chegar o segundo, você dribla também. Aí vai até a linha de fundo, cruza forte para trás, para o Vavá marcar (o gol)”. E Garrincha então responde: – “Tudo bem, mas o senhor já combinou com os russos?” (Fundação Cultural Palmares, 2023, online).

Ou seja, mesmo que o técnico faça a escalação e trace boas estratégias, mesmo que os jogadores sejam habilidosos, mesmo que o goleiro seja o melhor do campeonato, na hora da partida tudo pode acontecer, sair do planejado, os adversários podem atacar de modos inesperados etc. Às vezes, no entanto, os culpados são localizáveis, um jogador que se sai mal, um técnico que faz escolhas ruins, um goleiro que “leva um frango”. Um bom exemplo disso é o enunciado que encontramos na ESPN Brasil e pode ser visto na figura 3: “não é hora de procurar culpados (mas a culpa é do Zé Ricardo)”.

Porém, feitas essas considerações sobre futebol, podemos agora questionar: quando esse enunciado é dito no âmbito da política, como procurar culpados? É preciso procurar? Por que aquela não era a hora de fazer isso? Quando seria a hora? Enfim, o que significa dizer que “não é hora de procurar culpados” diante da tragédia?

Podemos seguir os passos de Pêcheux, questionando não é hora de *quem* procurar culpados? Embora o governador se dirija aos parlamentares, ele não diz que não é hora de *vocês* procurarem culpados. Diz que não é hora de procurar culpados, genericamente. Falaria também com a mídia? Com as autoridades judiciais? Ou com o povo de modo geral?

Também podemos, tal qual Pêcheux, nos debruçar sobre o verbo (no caso de Pêcheux *ganhar*, e agora *procurar*) e seus usos mais comuns dicionarizados: O Michaelis (2024, online) diz: “**1.** Fazer as diligências necessárias para tentar achar algo: *Procurou a nota fiscal da compra do aparelho que veio com defeito e felizmente a encontrou*”. Ou seja, a partir desse sentido, quem procura, procura *algo* e *algo* que existe. Esse enunciado admitiria, desse modo, que existem culpados, embora considere que eles sejam poupados naquele momento.

Além disso, podemos entender esse enunciado pelas vias do efeito de pré-construído¹⁶, que no caso de enunciados negativos, estão ancorados em enunciados afirmativos, pois como

¹⁶ Em entrevista ao Jornal da Unicamp, Henry (2013, online) explica a noção de pré-construído: “A ideia é, efetivamente, que o que se diz, o que se escuta, é sempre atravessado por algo que já foi dito, atravessado por um dito anterior. [...] O discurso não funciona de modo isolado, ele está sempre ligado a outros discursos que se

explica Pêcheux “remete àquilo que todo mundo sabe” (1995, p.171). Ou seja, o enunciado “não é hora de procurar culpados” remete a um efeito de pré-construído de que “existem culpados [que em algum momento deverão ser procurados]”, isto é, em algum momento deve haver responsabilização.

O governador, portanto, alvo fácil dessa culpa, joga com a instabilidade do jogo político. No espriar das águas da culpa todos aqueles que procuram podem achar alguma em si ou no outro: a qual nível (federal, estadual ou municipal) cabe essa culpa? Qual esfera: do executivo, do legislativo ou do judiciário? Alguém viu o(s) orçamento(s)? Quem o(s) escreveu? Quem o(s) aprovou? E as mudanças nas legislações ambientais? Quem assistiu às sessões legislativas e se importou com isso? O que fez a mídia? E a chamada indústria do agro? No entanto, poderíamos na sequência questionar: quando é possível um político negar que se apure quem são os culpados, ou seja, falar em defesa da impunidade (mesmo que momentânea), senão em sua própria defesa (ou de algum grande aliado)?

Nesse sentido, Indursky (1990) diferencia dois tipos de negação: negação polêmica, que a autora toma a partir de Ducrot para explicar a colocação de perspectivas de dois enunciadores diferentes, por exemplo, “revolução não é golpe” (se nega porque alguém afirma, então há a posição de quem nega e a de quem afirma); e uma outra que ela toma a partir da denegação da psicanálise, do sujeito que nega um comportamento seu, deixando-o recalcado no inconsciente. Essa segunda categoria, a autora chama de negação discursiva e descreve como aquela que incide sobre um elemento de saber da própria FD que afeta o sujeito do discurso. A autora explica que nos dois casos o enunciado negativo é a manifestação do outro, positivo, mas no segundo caso “o processo de denegação dá-se no interior da rede discursiva em que está inserido o enunciado negativo. Dito em outras palavras: o sujeito não reconhece um saber que é próprio de sua FD” (Indursky, 1990, p. 121). Esse funcionamento e seu efeito ficam flagrantes na circulação do post que complementa “assinado: os culpados”.

Além disso, quando consideramos que estamos tratando de um meme, ou seja, de um post feito para circular em espaços enunciativos informatizados (Gallo; Silveira, 2017), com

convocam, que são convocados por sua letra, sua materialidade. É isso que levou à ideia de pré-construído, de início com um trabalho sobre a pressuposição tal como desenvolvido por Frege, mas nós nos distanciamos disso muito rapidamente, porque, simplesmente, a ideia de conteúdo de Frege consistia em que podia haver ao menos dois níveis em um texto – o nível superficial e algo que estava em uma posição segunda, se preferir, enganchada na primeira. A estrutura do texto, então, era uma hierarquia, havia uma superfície e depois algo abaixo. E depois, na medida em que a noção de pressuposição efetivamente implicava a ideia, grosso modo, de que a palavra tem um sentido. Era x não há discurso que funcione sem fazer apelo a outros discursos”.

um efeito de rumor/humor (Silveira, 2022) e de ironia, devemos também perceber que esse efeito só funciona por um funcionamento dado historicamente no futebol: quem diz que não é hora de procurar culpados são os dirigentes, os técnicos ou o goleiro que deixou os gols passarem. Ou seja, aqueles que são apontados como culpados. Ou, talvez possamos dizer, os culpados. Em um comentário que pode ser visto na figura 1, inclusive, uma internauta comenta: “só os culpados dizem isso”.

No caso do futebol, isso pode ser visto claramente como uma regularidade, voltemos a alguns enunciados: “*Após deixar escapar o acesso para a Série C do Campeonato Brasileiro, o técnico grená, Elano Brumer, afirma [...]*”. O texto diz que o técnico “deixou escapar o acesso para a Série C”, ou seja, o próprio texto apresenta o técnico como culpado, para depois dizer que ele afirma não ser hora de procurar culpados. Na segunda notícia do nosso quadro, veiculada pela ESPN, essa culpa fica ainda mais explícita: “*Apontado pela torcida como um dos maiores responsáveis pelo baixo aproveitamento do ataque e, por consequência, pela falta de vitórias da equipe [...]*”. Ou seja, mais uma vez aquele que é apontado como culpado pedindo para não se procurar culpados. Na terceira, igualmente: “*Depois de um tropeço que praticamente zerou as chances de acesso para o Sport, Claudinei Oliveira falou sobre os próximos passos [...]*”. Quer dizer, antes de trazer a fala de Claudinei sobre “não procurar culpados”, a matéria deixa claro que é dele o tropeço que tirou as chances do time. O mesmo pode ser observado na notícia sobre a derrota do Corinthians, na qual se relata que o time perdeu de 1 a 0 e logo se apresenta a fala do goleiro (que deixou esse gol passar). Já no caso em que Jair afirma que “*não é hora de gerar crise ou buscar culpados individuais*”, pela presença de “individuais”, se explicita um efeito do enunciado que é o da generalização da culpa.

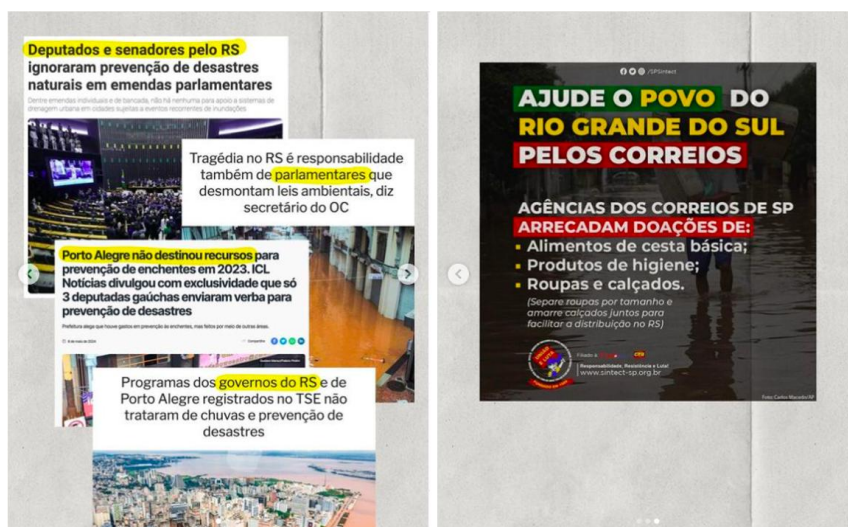
Assim, podemos explicar melhor o porquê de mobilizarmos a noção de denegação discursiva: Eduardo Leite tem sido um defensor das privatizações¹⁷, inclusive dos presídios. Um bom exemplo do que Klein (2008) chama de capitalismo do desastre: aproveitar o desastre da violência, do encarceramento em massa e do racismo estrutural como uma oportunidade para o lucro. No entanto, isso faz parte daquilo que, nessa formação discursiva, não pode ser dito e, por isso, fica denegado. Também são esses elementos que nos permitem fazer essa relação do caso americano com o brasileiro na análise do enunciado “não é hora de procurar culpados”.

¹⁷ Essa informação pode ser conferida, dentre outros lugares, aqui: Leite destaca liderança do RS em privatizações e potencial do estado em evento da B3. Disponível em: <https://estado.rs.gov.br/leite-destaca-lideranca-do-rs-em-privatizacoes-e-potencial-do-estado-em-evento-na-b3>. Acesso em: 16 jul. 2024.

Ou seja, são os elementos que compõem as condições de produção do discurso: os sujeitos, mas também a situação, o modo como a memória é acionada, o contexto imediato, bem como o contexto sócio-histórico-ideológico (Orlandi, 2013).

Se voltarmos ao post do Instagram, no entanto, percebemos que ele não resolve a questão da culpa. Ao dizer “*não é hora de procurar culpados*”. Assinado: *os culpados*, se mantém a opacidade. Os culpados não são nomeados e embora o leitor possa saber que está se fazendo referência ao governador que proferiu o enunciado, se opta, não por “assinado: o culpado” no singular, mas “os culpados”, no plural. Evidentemente esse meme passou a circular em muitos perfis e em diferentes redes, mas nesse post no qual ele foi originalmente postado por quem o desenvolveu, ele está agrupado a duas outras imagens, que podem ser vistas a seguir:

Figura 6: Post no Instagram¹⁸



Podemos perceber especialmente a partir da imagem que reúne recortes de notícias o porquê de se referir aos culpados no plural. Nela conseguimos ver a responsabilização ser estendida de modo prosopopeico à cidade de Porto Alegre (em “Porto Alegre não destinou recursos [...]”, como se a cidade agisse por si própria), aos parlamentares de modo geral, bem como aos eleitores, já que em uma das notícias se destaca que os programas dos governos eleitos que foram registrados no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) não trataram de prevenção de

¹⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/designativista/p/C6wGC7hraOX/>. Acesso em: 17 maio 2024.

desastres, isto é, a população votou e escolheu por planos de governo que não consideram essas questões.

Deste modo, o meme dá continuidade a um efeito de generalidade da culpa que percebemos desde a fala do governador, já que ele também usa o plural em “não é hora de procurar culpados” e que também destacamos no futebol quando se fala que “não é hora de procurar culpados individuais”.

Como afirmamos, esse enunciado poderia ter sido formulado de outras formas, como a que citamos, usando o singular (“assinado: o culpado”), que é, inclusive, usado na legenda “culpado diz: não é hora de procurar culpados”, mas ao incluir o plural na imagem, que é o que ganha destaque no Instagram (um espaço voltado sobretudo a imagens) e também ao incluir os recortes que mostramos, já não se está apenas apontando para a denegação/contradição da fala do governador, e sim contribuindo para a generalização da culpa.

Em síntese, “não é hora de procurar culpados” é um enunciado que funciona contraditoriamente: pelo uso do plural, ao mesmo tempo em que denega a culpa naquele que enuncia, estende essa culpa a outros (como se dissesse “posso ser culpado, mas não sou o único”). Essa denegação é denunciada pelo próprio enunciado no uso do verbo “procurar” (como se dissesse “não vou afirmar a culpa. Não vou me apresentar como culpado. Se quiserem, que me procurem”). Já o “não é hora”, nos parece ser o modo pelo qual aquele que denega a culpa (ou seja, afirma negando) pede paciência para consertar o seu erro. No entanto, como pudemos perceber, não se trata de uma justificativa apenas para a mídia ou para a sociedade, mas de uma resposta ao próprio governo federal, considerando que o presidente Lula estava do lado do governador. Isto é, “não é hora de procurar culpados” retoma “não é momento apenas de sobrevoos”, como forma de responder e se reposicionar com relação ao governo federal.

Neste sentido, podemos lembrar de Ducrot (1987) quando explica como diferentes vozes compõem o sentido de um enunciado. Romualdo diz que o autor

buscava contestar a ideia de que um enunciado isolado faria ouvir somente uma voz. No seu estudo, o autor distingue a polifonia de locutores da polifonia de enunciadores. O locutor se caracteriza por ser o responsável pelo enunciado, já os enunciadores são perspectivas, representações de pontos de vista que o locutor apresenta no enunciado. Exemplificam os casos de polifonia de locutores o discurso reportado direto e indireto, nos quais é possível identificar mais de um locutor; já a polifonia de enunciadores pode ser percebida em fenômenos como a pressuposição ou a negação, em que se encenam dois enunciadores (Romualdo, 2020, p. 69).

Assim, pode-se perceber que o enunciado “não é hora de procurar culpados” mesmo que proferido por um único locutor, poderia constituir, na perspectiva de Ducrot (1987), uma

polifonia de enunciadores, mesmo que de uma mesma formação discursiva, como explica Indursky (1990). Porém, não só isso, se trata também de uma polifonia de interlocutores, na medida em que com um mesmo enunciado, se fala com a mídia, com a sociedade, com o governo federal etc.

No futebol, esse pedido de tempo pode ser uma forma de dizer que naquele momento é melhor manter aqueles que erraram e que conhecem melhor que ninguém esses erros e, portanto, estariam menos propensos a cometê-los novamente e mais hábeis a corrigi-los. Já na política, nisso que estamos chamando de capitalismo de desastre, a partir de Klein (2008), esse tempo de poder pós-tragédia é essencial, não para corrigir os erros, mas para transformar a crise em oportunidade de lucro e para capitalizar também do ponto de vista político, vestindo a capa de herói que, nesse caso, se tratava do colete da defesa civil.

Assim, podemos também lembrar do trabalho de Orlandi (2007), que nos explica o funcionamento do silêncio na própria constituição do sentido, ou seja, o não-dito necessário para o dito, para que o dizer não seja *non-sense* (silêncio fundante); mas também a política do silêncio, isto é, o silenciamento. Ela explica que “há uma declinação política da significação que resulta no silenciamento como forma não de calar mas de fazer dizer ‘uma coisa’, para não deixar dizer outras. Ou seja, o silêncio recorta o dizer. Essa é sua dimensão política” (Orlandi, 2007, p. 53).

Orlandi (2007) explica ainda que a política do silêncio se define pelo fato de que ao dizer algo apagamos outros sentidos indesejados em uma situação discursiva dada. Essa é uma importante característica desse enunciado, no que diz respeito ao trabalho de interdição do dizer. Ou seja, ele funciona como um dispositivo de sutura, visando paralisar o movimento dos sentidos sobre a responsabilização dos que poderiam ser classificados como culpados.

Ainda a respeito da interdição, Foucault (1996 [1970], p. 8-9) diz que em toda sociedade a produção do discurso é “ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e distribuída por certo número de processos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”. O autor também afirma que a política é uma região importante de interdição. É a partir dessa discussão que o autor escreve a célebre passagem que, posta em diálogo com nossa análise, parece definir bem a relação entre os diferentes sentidos produzidos, de um lado pelo enunciado dito pelo governador e, de outro, pelo enunciado posto em circulação na forma de meme: “o discurso não

é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (Foucault, 1996 [1970], p. 10).

Para retomar e fechar a questão sobre *acontecimento*, devemos destacar que não pudemos observar uma ruptura histórica e uma reorganização da rede de memórias a partir do enunciado proferido pelo governador, mas uma ocorrência singular ligada à cena de enunciação e que, por isso, podemos reiterar a percepção de que se trata de um acontecimento enunciativo.

Para citar um outro exemplo, Cazarin e Razia (2014) explicam, ao analisar a posse de Dilma Rousseff como primeira presidenta do Brasil, que naquele caso pode-se perceber sinais de novos tempos, novos valores sociais que mexem com a instabilidade discursiva, mas não uma ruptura com uma estabilidade anterior. Notamos aqui algo semelhante, já que a crise climática também mexe com a instabilidade discursiva, porém sem causar uma ruptura radical e definitiva.

Finalmente, para fechar a discussão sobre a doutrina do choque e o capitalismo de desastre, tal como formulados por Klein (2008), cabe destacar que, após as enchentes, o governador passou a defender a ampliação das privatizações como forma de reconstrução do estado¹⁹. É importante registrar, portanto, que esse caso é mais um exemplo de como situações de crise podem abrir espaço para a ampliação de “soluções” orientadas pelo mercado, em consonância com o funcionamento explicado pela autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do enunciado “não é hora de procurar culpados”, proferido pelo governador Eduardo Leite durante a catástrofe ambiental no Rio Grande do Sul, evidencia como discursos produzidos em momentos de crise operam na tentativa de administrar sentidos. Ao tomar essa análise a partir da leitura de Klein (2008), buscamos mostrar o funcionamento do enunciado para além da superfície linguística, vinculado ao que a autora chama de *capitalismo de desastre*: a apropriação da tragédia como oportunidade política e econômica.

Ao mesmo tempo, a observação do modo como esse enunciado circula, seja no futebol, seja na política, seja nos memes, mostra como o sentido não é fixo, mas se move entre diferentes

¹⁹ Essa informação pode ser conferida na matéria: Eduardo Leite defende PPPs e privatizações como saída para reconstrução do RS após enchentes. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/eduardo-leite-defende-ppps-e-privatizacoes-como-saida-para-reconstrucao-do-rs-apos-enchentes/>. Acesso em: 31 maio 2026.

formações discursivas. Percebemos que o enunciado utilizado inicialmente no contexto esportivo, sobretudo no futebol, ao ser deslocado para o âmbito da política, carrega com ele um sentido de pedir que não se procurem culpados. Ou seja, o governante, como um técnico de futebol ou um jogador, tenta deslocar a culpa de si, mas, pelo funcionamento da denegação, acaba por confirmar sua existência e, de certo modo, diluí-la no plural (“os culpados”).

A formulação e circulação do meme “assinado: os culpados” mostra bem esse funcionamento, pois denuncia ironicamente a fala do governador, ampliando os efeitos de responsabilização para além da sua figura individual. Destacamos que ao analisar o enunciado não conseguimos identificar um acontecimento discursivo, mas sim enunciativo, já que como explicamos, não há uma ruptura radical. Também conseguimos perceber, a partir de Ducrot (1987), o funcionamento de uma polifonia de enunciadores, bem como de interlocutores. Outro ponto importante foi perceber o funcionamento do silenciamento, ou seja, o uso de um dizer para apagar sentidos indesejados em uma situação discursiva dada, como definido por Orlandi (2007).

Portanto, o enunciado analisado se inscreve em um jogo discursivo que articula linguagem, política e economia. Em última instância, esse funcionamento confirma que, na lógica do capitalismo de desastre, não há hora para se procurar culpados, pois o desastre é continuamente convertido em terreno fértil para novas formas de exploração e para a reprodução das estruturas ideológicas que sustentam esse sistema.

REFERÊNCIAS

CAZARIN, Ercília Ana; RASIA, Gesualda dos Santos. As noções de acontecimento enunciativo e de acontecimento discursivo: um olhar sobre o discurso político. **Letras**, (48), 2014 193–210. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2176148514432>. Acesso em: 21 maio 2026.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

HENRY, P. O discurso não funciona de modo isolado. In: NUNES, J. H. **Jornal da Unicamp**, 2013. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/587/o-discurso-nao-funciona-de-modo-isolado>. Acesso: 31 maio 2026.

INDURSKY, Freda. Polêmica e denegação: dois funcionamentos discursivos da negação. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 19, p. 117- 122, 1990. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636829/4550>. Acesso em: 7 jul. 2024.

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em análise do discurso. In: MITTMANN, Solange et al (org.). **Práticas Discursivas e Identitárias**: sujeito e língua. Porto Alegre: Nova Prova, 2008. p. 9-33. Disponível em: https://www.academia.edu/37188478/Unicidade_desdobramento_fragmenta%C3%A7%C3%A3o_a_trajet%C3%B3ria_da_no%C3%A7%C3%A3o_de_sujeito_em_An%C3%A1lise_do_Discurso. Acesso em: 16 mar. 2025.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Garrincha**: a vida escreve certo por pernas tortas. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/garrincha-a-vida-escreve-certo-por-pernas-tortas>. Acesso em: 15 jul. 2024.

GALLO, Solange Maria Leda; SILVEIRA, Juliana da. Forma-discurso de escritorialidade: processos de normatização e legitimação. In: FLORES, Giovanna G. Benedetto (et al.). **Análise de Discurso em Rede**: Cultura e Mídia, v. 3, 2017.

KLEIN, Naomi. **A doutrina do choque**: a ascensão do capitalismo de desastre. Tradução de Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MITTMANN, Solange. **Discurso e texto**: na pista de uma metodologia de análise. In: II Seminário de Estudos em Análise do Discurso, 2005, Porto Alegre. II SEAD. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/SolangeMittmann.pdf>. Acesso em: 29 maio 2026.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes Editores, 11ª ed., 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni P. Orlandi. 6ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

ROMUALDO, Edson Carlos Romualdo. O complexo de Cinderela no videoclipe “Precious Illusions”, de Alanis Morissette. In: SANTOS, Aline Rodrigues dos; FURTADO, Bruna Plath

(Org.). **Mulher, multiplicidades e linguagem**. Ponta Grossa: Texto e Contexto, v. 12, 283 p., 2020. E-book.

SILVEIRA, Juliana da. Os rumores da rede em sua composição audiovisual. In: ROMUALDO, Edson Carlos; SANTOS, Elaine de Moraes. **Linguagens, mídias e tecnologias**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.